

REGIÃO NORDESTE/FOTSENSORES TECNOLOGIA ELETRÔNICA LTDA. (CE)

Etiqueta eletrônica pode acabar com filas nos supermercados

da Redação

Imagine pagar a conta no supermercado sem enfrentar filas e sem precisar tirar os produtos do carrinho. A empresa cearense Fotosensores quer ser pioneira no Brasil no desenvolvimento da tecnologia de Identificação por Rádio Frequência (IRF), que nos supermercados vai substituir o código de barras por etiquetas eletrônicas. No caixa, uma antena capta os sinais do carrinho, identifica os produtos e o sistema calcula o valor da compra.

“Países como Estados Unidos e Alemanha já dominam a tecnologia, mas por que pagar R\$ 100 por equipamentos que podemos produzir aqui por R\$ 20? Isso sem falar nos empregos e divisas que vamos gerar para o Brasil”, diz Francisco Baltazar, diretor da Fotosensores, melhor média empresa da Etapa Nordeste do Prêmio FINEP de Inovação 2008. Existem empresas nacionais que utilizam tecnologias IRF, mas as soluções são importadas.

Segundo Baltazar, a previsão é que a tecnologia 100% nacional esteja disponível em 12 meses. A primeira aplicação deverá ocorrer no gerenciamento de trânsito, área na qual a Fotosensores tem 15 anos de experiência.

Em geral, com a tecnologia utilizada atualmente, sensores identificam uma infração e a placa do veículo é fotografada. O sistema, que foi desenvolvido e patenteado há cerca de 13 anos pela própria Fotosensores, é hoje copiado por todas as concorrentes. Apesar de eficiente, o modelo deverá ser substituído pela IRF, na qual cada carro terá uma etiqueta eletrônica. Ao longo das vias, serão instalados equipamentos de identificação capazes de reconhecer a etiqueta e fazer o levantamento automático de infrações.

Dessa forma, o controle torna-se mais rigoroso, pois serão identificados todos os veículos em situação irregular que transitarem por determinados pontos; não apenas aqueles que cometerem infrações quando passarem pela fiscalização. Outra vantagem refere-se a carros roubados. “Será mais fácil recuperá-los e, em consequência, o preço dos seguros deve cair”, prevê Baltazar. As aplicações da tecnologia são inúmeras e a Fotosensores já estuda o uso no controle de



Tecnologia desenvolvida pela Fotosensores substitui código de barras. Abaixo, Francisco Baltazar Neto, diretor da empresa

Fotos: Divulgação



gado e no monitoramento de atletas em maratonas.

A vocação inovadora vem de berço. A empresa foi fundada em 1993 no Parque Tecnológico da Universidade Federal do Ceará (Padetec), onde ficou incubada até 1995. Desde então, mantém estreita relação com diversas instituições de pesquisa, entre elas o próprio Padetec e o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (C.E.S.A.R.).

Nos últimos 10 anos, a empresa teve um crescimento anual médio de 30%. De 2006 para 2007, o faturamento saltou de R\$ 24 milhões para R\$ 32 milhões e, este ano, a previsão é alcançar R\$ 40 milhões.

Empresa carioca garante segurança das urnas eleitorais

Inovação genuinamente brasileira, as eleições eletrônicas trouxeram agilidade e transparência ao processo de votação. O modelo atrai a atenção de observadores internacionais e atualmente diversos países, em especial a França e os Estados Unidos, demonstram interesse em implementá-lo. Para quem não sabe, um pedaço desta história de sucesso foi escrita pela empresa carioca Módulo Security, que desde 1994 garante a segurança dos sistemas de votação nas eleições nacionais.

Criada em 1985 por um grupo de estudantes de Informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Módulo é hoje líder latino-americana na área de segurança da informação. Para se ter uma idéia, durante os Jogos Pan-Americanos Rio 2007, o software Risk Manager, desenvolvido pela empresa, realizou a prevenção, monitoramento e controle de incidentes durante todo o evento. Outro projeto de destaque é a proteção da entrega das declarações de imposto de renda via internet.

“O resultado do nosso esforço inovador é uma base de mais de 400 clientes em todo o mundo”, afirma Fernando Nery, sócio-fundador da Módulo. Escolhida a melhor média empresa da Etapa Sudeste do Prêmio FINEP 2008, a Módulo atualmente trabalha para consolidar sua presença no mercado externo. O processo de internacionalização da empresa teve início em janeiro de 2006, com a abertura do escritório em Nova York. A estratégia utilizada foi firmar parcerias com consultorias especializadas em tecnologia, que passaram a adotar o software Módulo Risk Manager em seus clientes, como o Centro Médico da Universidade de Nova York; a Delta Dental, maior rede de planos de assistência odontológica dos EUA; e a GreenStone Farm Credit Services, quarta maior associação de crédito rural dos Estados Unidos.

Ainda na busca por espaço no mercado mundial, em 2007 a Módulo iniciou atividades na Europa, com a abertura de uma filial em Genebra, na Suíça, e a realização de cinco parcerias com empresas espalhadas pelo Velho Continente. Os planos da empresa incluem também o mercado da América Latina, onde a Módulo já conta com clientes como o Ministério da Fazenda da Colômbia; a Telefónica Equador; o Banesco, maior

Foto: Divulgação



A Módulo iniciou atividades na Europa e planeja entrar na América Latina

banco privado da Venezuela; e o Instituto Nacional de Carnes do Uruguai. “Neste ano, pretendemos investir cerca de US\$ 2,5 milhões em iniciativas no exterior”, revela Fernando. O objetivo é expandir uma rede que hoje conta com 38 parcerias em 21 países.

Essa é a segunda vez que a Módulo conquista o prêmio concedido pela FINEP. Em 2006, ela foi considerada a melhor na categoria Produto, com o projeto de implantação do Módulo Risk Manager para agronegócios, com foco no controle e prevenção da febre aftosa. *(da Redação)*

REGIÃO SUL/ ALTUS SISTEMAS DE INFORMÁTICA S.A. (RS)

Tecnologia gaúcha controla gasoduto

Apontado como um novo marco da engenharia nacional, o gasoduto Urucu-Manaus, que percorrerá 662 quilômetros através da selva amazônica, será todo controlado por um sistema de automação desenvolvido pela empresa gaúcha Altus. O contrato fechado com a Petrobras, no valor de R\$ 32,8 milhões, é o maior da história da companhia, hoje líder no País entre as empresas que utilizam tecnologia própria no setor de automação de processos industriais.

Além de um cabo de fibra ótica que corre paralelo por toda a extensão da obra, serão utilizadas sofisticadas tecnologias de comunicação por satélite, o que possibilitará a operação remota a partir do Centro Nacional de Controle Operacional da Transpetro, no Rio de Janeiro. O sistema da Altus realizará todo o controle e segurança do gasoduto, trabalho que envolve o monitoramento da temperatura e pressão, a automação da rede elétrica e de telecomunicações, entre diversos outros processos.

A expectativa é que as obras estejam concluídas em dezembro, mas o gasoduto só deve entrar em operação comercial em setembro de 2009. Quando estiver funcionando com 100% da capacidade, irá transportar 10 milhões de metros cúbicos de gás natural por dia, desde o campo petrolífero de Urucu, no município de Coari, até a capital do Amazonas. O gás natural substituirá o diesel e o óleo combustível usados atualmente na produção de toda a energia elétrica consumida no estado.

Fundada em 1982, a Altus possui um longo histórico de projetos realizados junto à Petrobras e, atualmente, é responsável pelo controle de 17 plataformas offshore de petróleo na Bacia de Campos. A lista de clientes envolve ainda outras grandes empresas, como a IBM, a Mercedes-Benz, a Perdigão e a Bosch.

Luiz Gerbase, presidente da Altus, revela que a empresa sempre se caracterizou por apostar no desenvolvimento de novos produtos e processos. Ele lembra que, ainda em 1983, a companhia desenvolveu o primeiro microcontrolador



Foto: Divulgação

Sistemas de automação da empresa gaúcha Altus controlam 662 quilômetros de gasoduto na selva amazônica

portátil nacional, que possuía qualidade similar a de concorrentes e custava cinco vezes menos. “O sucesso foi enorme e, desde então, não paramos mais de inovar”, afirma.

Escolhida a melhor média empresa da Etapa Sul do Prêmio FINEP 2008, a Altus foi criada por um grupo de engenheiros do Programa de Graduação em Ciências da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com sede no Pólo de Informática em São Leopoldo, possui filiais em São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador e Macaé, além de subsidiárias na Argentina, Alemanha e EUA.

A presença no exterior se dá também através da World Automation Alliance (WAA). Desde 2005, a Altus lidera um compromisso de cooperação firmado com empresas na China, Índia e República Tcheca. O objetivo é, no ano que vem, conquistar espaço no mercado internacional com uma nova linha de produtos desenvolvida em conjunto pelos parceiros.

Segundo Gerbase, a empresa deve faturar R\$ 60 milhões em 2008, um crescimento de aproximadamente 45% em relação aos R\$ 41,5 milhões alcançados em 2007. Em média, 4% do faturamento é reinvestido em pesquisa e desenvolvimento. *(da Redação)*

Empresa goiana é pioneira na produção de equipamentos médicos

As cirurgias minimamente invasivas estão mudando a face da medicina. São necessárias incisões cada vez menores, algumas de meio centímetro ou menos. O tamanho é o suficiente para a introdução de microcâmeras e instrumentos médicos que irão realizar procedimentos no interior do corpo. Pioneira nacional no desenvolvimento de soluções inovadoras para esse tipo de operações, a empresa goiana Scitech já conquistou mais de 100 clientes no Brasil e agora deseja se firmar no mercado externo.

A estratégia inicial foi negociar com países do Oriente Médio, onde eram menores as barreiras comerciais, como o Irã, a Síria, a Jordânia e o Paquistão.

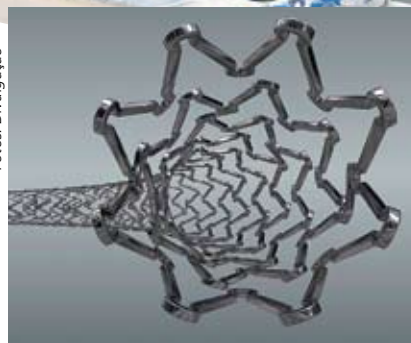
Em 2007, as exportações geraram uma receita ainda tímida de R\$ 183 mil. Porém, este ano, após um esforço de divulgação em feiras internacionais, a meta é atingir R\$ 1,5 milhão, com operações nos mercados do Oriente Médio, África, Ásia, Europa e América Latina.

Quando foi fundada, em 1998, a companhia apenas revendia produtos estrangeiros. “Porém, percebemos que havia no País um potencial técnico enorme para desenvolvermos nossos próprios instrumentos”, lembra Melchiades Cunha, diretor da Scitech. Com a criação do departamento de pesquisa, em meados de 2005, a empresa passou a nacionalizar alguns dos equipamentos comercializados e iniciou o processo de substituição de importações. Dos 25 produtos hoje oferecidos, 80% possuem tecnologia nacional. “Em dois anos, esperamos que esse percentual alcance 100%”, revela Melchiades.

Quem mais se beneficia com as cirurgias minimamente invasivas são os pacientes. Sofrem menos durante e após o procedimento, recebem alta mais cedo e retornam mais rápido à rotina diária. Nas cirurgias convencionais para a desobstrução de artérias, na qual são implantadas as conhecidas “pontes de safena”, o paciente demoraria 10 dias para sair do hospital e mais um mês para voltar ao trabalho. Com o procedimento minimamente invasivo,



Fotos: Divulgação



A Scitech fabrica o stent nacional, usado nas intervenções cardíacas minimamente invasivas

chamado Angioplastia, o paciente recebe alta em dois dias e, em uma semana, volta à rotina.

Um dos destaques da linha de produtos da Scitech é o stent, espécie de mola usada na Angioplastia que abre a artéria e libera a passagem do sangue. Sem similares no Brasil, o instrumento, desenvolvido em conjunto com a Universidade de São Paulo (USP), possui qualidade e preço compatíveis aos de importados. A Scitech possui ainda parcerias de desenvolvimento com outras importantes universidades, como as federais de Goiás e Minas Gerais.

Em 2007, a empresa alcançou um faturamento de R\$ 12 milhões, receita que, segundo Melchiades, deve chegar a R\$ 15 milhões este ano. Cerca de 14% do faturamento é reinvestido em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos. (da Redação)